

A RESTAURAÇÃO

REDACÇÃO

Séde social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar
GUIMARÃES

SEMANARIO CATHÓLICO

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A RESTAURAÇÃO»

Director e administrador — Antonio Luis da Silva Dantas

ADMINISTRAÇÃO

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesense
Rua de Payo Galvão

COLLIGAÇÃO ELEITORAL

A commissão executiva do partido nacionalista deste concelho deliberou, em sua última sessão, acceitar a colligação eleitoral contra o governo e trabalhar activamente pelo seu triumpho.

Achamos louvavel essa deliberação, bem como nos parece necessária a colligação. Sem meios legaes e ordeiros de combater a desordem arvorada em norma constitucional.

Bem sabemos que alguns dos partidos colligados têm nos seus programmas principios muito differentes daquelles por que sempre temos luctado. Mas não se trata, nem na intenção nem de facto, de fazer vingar senão o intuito de oppôr um dique à mais funesta acção governativa que jámais pôde vogar em Portugal.

Cada um dos partidos colligados lá continuará com o seu programma, que não sofre alteração por se congregarem forças heterogêneas para um fim que só não cabe em programmas anarchistas.

Se os partidos colligados esperam tirar vantagens da colligação, essas vantagens não se produzem à custa de nenhum delles. Não perde um colligado para augmento dos outros: mas ganham todos à custa do adversário commum.

Tal a natureza e o fim da presente colligação eleitoral, que de nenhum modo significa subordinação dum partido a outro, nem amiaça perigo para a autonomia de nenhum.

Segundo se vê na imprensa governamental e no procedimento pratico de vários delegados do governo, o partido nacionalista é honrado com a preferéncia que delle se faz para alvo de violências.

E' preciso pois que os nacionalistas comprehendam a honra que se lhes faz e se mostrem dignos della. E' preciso que lidem, por todos os meios licitos, na propaganda do seu programma e em fazer vingar as listas da colligação.

Não haja desalentos nem descuidos. Tome-se exemplo na indefessa actividade dos adversários. Não se perca tempo. A' última hora pouco se poderá fazer.

Não haja indulgência com as violências dos adversários: essa indulgência seria um crime e uma cumplicidade com os inimigos da ordem. Façam-se queixas aos tribunaes e mandem-se para a imprensa

noticias pormenorizadas dos abusos eleitoraes.

Empreguem-se só os meios licitos; mas empreguem-se todos, promptamente e sem hesitações.

Se os amigos da ordem não trabalham, se os homens de principios são se deixam vencer por commodismos egoístas, se o campo ha de ficar livre àquelles cujas ideias e procedimentos merecem reprovação: então só nos resta cruzar os braços e derramar inuteis lagrimas sobre a memória dum povo que já foi grande.

Trabalhem. E serva-nos de estímulo o que se faz noutras partes.

«Os povos levantam-se de todos os revezes, menos do de consentirem no seu opprobrio.»

Napoleão.

REGISTO CIVIL

Diz a historia que o templo de Diana, em Epheso—uma das sete maravilhas do mundo—, foi incendiado por Eróstrato. Por impiedade? — Não. Eróstrato commetteu a façanha, para que o seu nome ficasse na história. E conseguiu-o.

Lembrou-nos este caso — que mostra bem de quanto o homem é capaz—, quando ha dias vimos nas folhas que o sr. ministro da justiça, em resposta aos honrosos cumprimentos da Associação do Registo Civil, declarou, sem que para isso fosse rogado, que nutria o heroico propósito de promover uma lei sobre o registo civil obrigatório; que seria uma gloria para si deixar o seu nome vinculado a uma obra de tam largo e efficaz alcance civilizador.

E' de crer que o illustre ministro accrescentasse que tal obra seria mais um argumento para provar o seu amor apaixonado à liberdade. Porque os nossos liberaes sam assim: fazem consistir a liberdade na accumulção de obrigações.

O registo civil já al está nas nossas leis; já a elle pode recorrer quem sentir mais vocação para ser alistado à maneira dos irrationaes do que à maneira dos christãos.

Mas, como a legislação actual deixa livre ao cidadão duas formas de registo, exige o amor à liberdade que uma das formas, aquella que a quasi totalidade dos cidadãos rejeita, seja imposta por lei a todos sem distincção!

O que receamos é que o sr. ministro da justiça não seja tam feliz como Eróstrato: ou porque o templo não arda, ou porque a história se mostre mais madrastra.

E é pena! Tam sublimados brios mereciam mais larga e duradoura consagração do que a escassa memória e minguados agradecimentos daquelle alfôbre de revolucionarios, a que o sr. ministro fez as suas confidências.

«Não ha homem chegado a um certo grau de perversidade, que não tenha de si uma ideia superior.»

Duclos.

Hypócritas

Muito forte deve ser o partido nacionalista, para contra elle se desencadearém tantas iras e se congregarem tantos adversários. E essa força não está decerto no grande número dos seus partidários ostensivos, pois vários outros partidos os têm mais numerosos. Está sem dúvida no seu programma, nos seus principios, nas ideias que o norteiam.

E' licito julgar da rectidão, do acerto, da moralidade desse programma e desses principios pela qualidade dos inimigos que os combatem e pelo furor e desatino com que o fazem. Se esses inimigos sam o que ha de mais demoralizado, de mais incorrecto, de mais desacreditado na sociedade portuguesa, como para todos é evidente, é porque as ideias nacionalistas lhes sam um estorvo, uma amiaça, uma condemnação, portanto uma necessidade para a salvação da pátria.

«O partido nacionalista... eiz o inimigo!» Tal a traducção de todos os esforços, da indefessa campanha contra elle travada e hoje mais que nunca accessa.

Têm-se recorrido a todos os meios para desacreditar e embaraçar o continuo augmento desse esperançoso partido, em que todos os inimigos da pátria vêem um perigo para a continuacão das suas desordens.

Mas um dos meios mais infames, por qualquer lado que o consideremos, é a astúcia com que se procurou e se conseguiu vestir da libré dos amigos um contingente de espiões e traidores, que fizessem a guerra, por assim dizer, dentro dos arraiaes nacionalistas; lobos vestidos em pelle de cordeiros, que, por artes de que já deviam ser julgados capazes, foram admittidos no rebanho para matar e roubar.

Ai estão esses homens accendendo uma vela a Deus e outra ao diabo; homens que não ha muito vociferavam que se não devia fallar em religião ao tratar-se dum partido politico, e que agora afevelam a máscara do catholicismo precisamente para sustentar infames campanhas politicas; homens, que, guindando-se em seu próprio conceito acima de tudo quanto ha de cathólico, merecem os louvores e os applausos dos peores inimigos da religião.

Não receamos que façam grande mal ao nacionalismo, porque já todos os conhecem; antes as suas qualidades e as daquelles a cujas ordens e salário manobram, sam valiosa abonação do partido que combatem.

Mas indigna todas as almas bem formadas o assistir a semelhante perversão moral, a um tráfico tam indecoroso, que faz lembrar o «*Quid uultis mihi dare?*» associado ao ósculo da entrega.

Nunca pudemos tolerar a hypocrisia.

«E' uma obra louvavel, uma obra santa revelar as intrigas dos hypócritas.»

Goldoni.

A alcateia

A onda de lama do regicídio havia mês e meio apenas que alastrara pelas paginas da nossa historia manchando-as indelevelmente.

Um rictus de immensa amargura confrangia os labios dos portugueses, que eram ainda os genuinos herdeiros do lendario brio antigo da gente lusitana das priscas eras gloriosas.

Esse rictus doloroso tinha raizes no coração.

Mas rarissimos peitos se confrangiam feridos pelo infamante labéu.

O echo sinistro das miserias e infamias de cima repercutia-se em baixo, entre o povo, e só entre o pacifico povo martyr sinceramente.

Os assassinos covardes de D. Carlos e D. Luis Filippe erguiam o ensanguentado manto real e punham-no aos ombros do tímido e surpreso D. Manuel.

A alcateia rodeava o throno do improvisado monarcha e as harpias pairavam ali sollicitas, esfaimadas.

Negregadas megeras, ferreteadas de ignominias cancerosas, aninhavam-se nos degraus do throno.

E cá fora fazia-se constar que o novo rei era victima de fanatismos religiosos, dominado pelos coripeus reaccionarios, pelos filhos de Santo Ignacio.

La-se o fogo do odio mais vil e mais injusto contra a lealdade mais sincera, emquanto a hydra demagogica se alimentava e estendia os mil tentaculos, prendendo a ingenuidade real.

Havia apenas mês e meio! E uma dama do Paço, á hora mysteriosa dos duendes, presidia a machinações infernaes. Os que transpunham covardemente as fronteiras, na hora tragica, mês e meio volvido, subiam, lacrimosos, a abafar de commoção... ou cansaço de viagens forçadas, os degraus da escadaria palatina.

Os buicidentes eram apadrinhados com extremos de dedicacão, com requintado esforço perante o moço Rei.

Aquelles que tripudiaram sobre a dignidade de D. Carlos, aquelles que—segundo posterior confissão dum delles—andavam de espingarda ao ombro para expulsar a tiro toda a familia real e implantar a republica, esses execrands aventureiros, que tam damnhinhos tinham sido e continuavam sendo á Patria, eram apadrinhados pela dama dos conciliabulos secretos nocturnos, que exercia no animo da Rainha uma suggestão poderosa.

Emquanto a alcateia bramia cá fóra, Wenceslau, Alpoim e Figueiró iam lançando a rede da «conspiracão» de habilidades.

Quirino de Jesus, o egregio cathólico, em jornaes da capital, ia editando quanto agora publica em edição nova e correcta no jornal mysterioso do sr. Abundio da Silva.

Sua illustre esposa, mais intel-

ligente ainda, collabarava na obra da ascensão dos verdadeiros regicidas ao poder, exercendo uma intensa propaganda pelos salões doirdados de Lisboa.

Preparava-se uma atmospherade animadversão aos poucos elementos da vida nacional, que amaldiçoavam os infames auctores do attentado de fevereiro.

A' frente dos que erguiam a frente, com nobreza, pedindo justiça contra os miseraveis, pedindo luz sobre o tenebroso entredo, de que resultou a morte de um rei valoroso e dum principe innocente, estava o destemido jornal *Portugal*.

Pois empregaram-se todos os meios, os processos mais vis, mais traiçoeiros para o emmudecer.

Recorreu-se á intervençãoda Rainha.

Houve diligencias occultas, diplomaticas.

Investiu-se contra a dignidade sacerdotal, contra a dignidade meramente pessoal do director do *Portugal*.

Tramou-se na sombra e tramou-se na luz, secundando os planos das trevas.

Appellou-se para a auctoridade ecclesiástica. De tudo se lançou mão.

Não calaram a imprensa, que, em tam alevantado exemplo de isenção e nobreza de character, nos lembrou o prestigio dos antigos heroes da Patria.

Mas a intriga continuou, tessida pelos aulicos do Rei.

E o decantado amigo de D. Carlos, atraídoando o que devia á memoria do desventurado monarcha, entredou, na maravilhosa teia das suas diplomacias, o espirito do Rei, a alma da Nação.

Ai está a sua obra.

Quem está no poder não é Teixeira de Sousa, que é apenas um anonymo. Quem está no poder é o grupo dos dissidentes. Disse-o o insuspeito João Chagas no ultimo comicio republicano de Lisboa.

Quem está no poder sam aquelles que andaram de espingarda ao ombro para expulsar a toda a familia real e para implantar a republica. Disse-o Egas Monís em pleno parlamento.

Portanto, o que não puderam fazer então, estão-no fazendo agora... com a coadjuvação consciencie ou inconsciente de... quem todos dizem a reboque da illustre dama dos conciliabulos nocturnos.

Nem venha dizer-nos o emerito correspondente de Lisboa para o *Correio do Norte*, como proclamava esta semana, que nós atiramos settas aguçadas á Rainha através do coração de uma illustre dama.

O sr. Avelino Quirino de Jesus bem sabe que tudo quanto dizemos é apenas um pallido reflexo da verdade toda, que bem podiamos retratar aqui com surprehendedentes côres de esplendor exquisito.

A alcateia tripudia.

S. G.

«Quando aquelles que mandam têm perdido a vergonha, aquelles que obedecem perdem o respeito.»

De Retz.

«Correio do Norte»

«Le masque tombe, l'homme reste,
Et le héros s'évanouit.»

Rousseau.

O *Correio do Norte* não gostou do nosso artigo aqui publicado na semana passada. Parece que o seu illustre director — que se julga com direito de criticar a tudo e a todos, com propósito e sem propósito — se imaginava escudado em certas immunidades. «Não é para admirar que cause amargos de bocca» diremos nós, paraphraseando as jactâncias que contra nós lançou a sua ridicula prosápia «haver um jornal que se lembrasse de atacá-las.»

Mas, como se trata de gostos, não discutiremos os do illustre escriptor. Teimaremos porém no propósito de não deixar de pé as falsidades que nos dizem respeito. Se usamos duma linguagem um pouco mais viva do que é nosso costume, é porque assim o exige a qualidade do adversário.

Tendo-nos provocado por uma referência calumniosa, de que fez pretexto para aconselhar ao poder civil determinada intervenção perante a auctoridade ecclesiástica, negou-se a publicar a nossa rectificação. E a sólida defesa que aqui fizemos contra as suas falsidades, respondeu-nos com expressões de desprezo, calúnias e até ameaça de tribunaes.

Diz o sr. Dr. Abúndio que não publicara o nosso desmentido, porque nós tínhamos onde o publicar e porque o seu artigo se não referia *directamente* a nós.

Esta justificação, ainda que não viesse no *Correio do Norte*, denunciaria bem a jurisprudência do illustre advogado.

Então, porque *A Restauração* também tem columnas, já o inventor e divulgador da falsidade está dispensado de levar o desmentido aos mesmos leitores a quem propinou a calúnia?

E, se a calumniosa referência fosse só *indirecta*, já não teríamos direito de restabelecer a verdade, sobre tudo quando a falsidade servia ao sr. Dr. Abúndio de base para aconselhar intervenções do poder civil perante a auctoridade ecclesiástica; isto é, quando não só nos offendia pessoalmente, mas também — o que é muito mais — offendia a causa por que sempre temos trabalhado?

Mas a verdade é que a referência que o sr. Dr. Abúndio nos fez só não foi *directa* em não empregar o nosso nome próprio. Foi tam *indirecta*, como seria a nossa, se disséssemos: «Uma gazeta que se começou a publicar no Porto com o titulo de cathólica, sem pejo de dizer ao próprio Prelado da diocese e repetir várias vezes em suas columnas que é ella talvez (e nem sempre vai o «talvez») a única que cumpre as determinações pontificias, não duvida lançar assim uma suspeição grave contra todas as publicações cathólicas.»

Mas o sr. Dr. Abúndio dá mais uma razão, queremos dizer, acrescenta mais uma falsidade para justificar a deslealdade usada connosco e com os seus leitores.

«Os nossos processos» diz «não se confundem com os da *Restauração* que, tendo insinuado no seu jornal que n'uma passagem d'uma carta ou d'um escripto do nosso director não havia grammatica, recebeu pelo correio a precisa lição de analyse e não teve a hombridade de, nas suas proprias columnas, fazer a rectificação.»

Não vale a pena gastar muita cera com semelhante fanto; mas sempre diremos ao illustre escriptor e professor publico de português que:

1.º—Nestas palavras se contém mais uma calúnia contra nós. Somos accusados de não publicar um escripto, cuja publicação não só nos não foi pedida, mas nem sequer autorizada. Se o houvés-

semos publicado, seríamos com razão accusados de fazer uso público dum documento particular. E é um jurisconsulto quem accusa de irregular o nosso procedimento!

2.º—Nas mesmas palavras se contém uma prova de que o illustre professor de português não é invulnéravel ás accusações de falta de grammatica. Porque o accusamos duma, diz elle que nos mandou «a precisa lição de analyse», mas que nós não tivemos a hombridade de «fazer a rectificação».

Daqui conclue-se que, para o sr. Dr. Abúndio, só ha erros de grammatica em pontos de analyse. Então a grammatica que o illustre professor ensina é a do estado não abrange mais nada?

Pois nós fomos mais felizes do que os discipulos do sr. Dr. Abúndio: a grammatica que nos ensinaram abrange tambem outras regras. Daqui o julgamos que podíamos chamar falta de grammatica à inobservancia dellas.

Mas, perante «a precisa lição de analyse», já aqui não está quem fallou.

Ao argumento com que demonstramos que o sr. Dr. Abúndio nos caluniará no tocante a uma carta de perfilhação de erros, responde o grande polemista com o seguinte syllogismo, que elle diz equivalente ao nosso:

«S. Thomaz d'Aquino perfilha a doutrina de que a SS. Virgem não foi concebida sem peccado;

«Mas o Papa condemnou esta doutrina;

«Logo S. Thomaz perfilha doutrina que o Papa condemnou.»

Abstrahindo de que a primeira proposição é muito discutivel, nada temos que dizer do argumento considerado em si. Mas diremos ao illógico escriptor que não ha paridade nenhuma nos dois casos approximados.

S. Thomaz professou—na opinião seguida pelo sr. Dr. Abúndio—uma doutrina que, seis séculos mais tarde, foi condemnada. E não a retractou, abraçando fielmente a contrária, porque Deus lhe não concedeu tantos séculos de vida no mundo.

E o sr. Dr. Abúndio, tendo declarado *formalmente* que perfilhava certas doutrinas—das quaes muitas foram condemnadas—, esperou, apesar das repetidissimas e impertinentes referencias que tem feito ao documento condemnatório, que nós o accusássemos, para declarar que se sujeita ao juizo da Santa Sé.

Como se vê, a comparação do sr. Dr. Abúndio com o grande doutor medieval não prova que ambos respeitem no mesmo grau as decisões da auctoridade religiosa nem sequer o poder da lógica.

A dois dos tres pontos principais que se tratavam em nosso artigo, deu o sr. Dr. Abúndio as respostas que summariamente acabamos de expor e criticar.

Mas, por mais que rebuscássemos, não fomos capazes de encontrar no artigo do *Correio do Norte* sombra de resposta à demonstração que fizemos de que o sr. Dr. Abúndio inventara disposições de direito, para ter a presumpção de dizer que só elle as cumpria. E nós reptávamos o illustre jurisconsulto a que nos desmentisse.

E esta falta não é sem importancia, porque o direito ecclesiástico não pode estar assim à mercê do primeiro que se lembre de o alterar para serviço da sua vaidade; e porque o bom nome da imprensa catholica portugueza não pode estar sujeito a suspeições infamantes, como esta que lhe lançou o sr. Dr. Abúndio, accusando-a perante um illustre Prelado e perante o público de desprezadora das determinações pontificias.

E é tanto mais de estranhar, quanto é certo que o illustre jurisconsulto não perde occasião de afirmar o seu respeito à Igreja.

Era de esperar que, accusado publicamente de ter promulgado productos da sua phantasia como se fossem lidas determinações pontificias — commettendo um abuso intoleravel e enganando os leitores em matéria muito grave —, acudisse prompto, a refutar a accusação ou a desenganar os seus leitores.

Pois nada disto fez, deixando sem resposta uma accusação que lhe devia sacudir os brios. E lá continua como o outro do Evangelho:

Eu cá não sou como os outros directores de publicações cathólicas: elles não se collocam «rigorosamente dentro das instrucções pontificias», como aquelle publicano da *Restauração*, a quem causa «amargos de bocca haver um jornal que se lembrasse de acatá-las». Pedi «a auctoridade diocesana um assistente ecclesiastico»; não admitto na redacção sacerdotes que não «sejam expressamente auctorizados» pelo Prelado diocesano; emfim «será talvez o novo jornal, o primeiro dentre os periodicos catholicos portuguezes» que reúna taes virtudes. «*Non sum sicut ceteri hominum...*» (Luc., XVIII, 12).

«Sem resposta» talvez não seja a expressão exacta: porque o douto jurisconsulto fecha o seu escripto com ameaças de procedimento criminal!

Será esta a única resposta à demonstração que lhe fizemos de elle ter inventado jurisprudência para seu uso, enganando os seus leitores menos versados nas disposições do direito?

Seremos um dia chamados aos tribunaes por ter demonstrado que o auctor dum tratado de Direito Ecclesiastico ou ignora a especialidade que versa, ou não pói escripto em substituir as determinações do direito por creações da sua phantasia?

Poderemos ser accusados de, com a nossa demonstração, haveremos talvez prejudicado as condições commerciaes da obra do illustre jurisconsulto, ou desluzido a sua gazeta o singular privilegio, com que, á custa do direito ecclesiastico e do justo bom nome da imprensa catholica, elle a tinha abonado perante a consciencia dos cathólicos?

Já será crime repetir, para desengano do público, a caridosa palavra de Jesus Christo: «Guardai-vos dos falsos prophetas, que vêm a vós com vestidos de ovelhas, e dentro sam lobos roubadores?» (Math., VII, 15).

Ou quereria simplesmente o sr. Dr. Abúndio, com a sua sobranceira ameaça, dar a entender aos seus leitores que *A Restauração* tinha dito coisa que não fosse a pura expressão da verdade, ou sãsse das normas da correcção devida a adversários da sua categoria?

Se alguma destas coisas nos tivesse escapado, o sr. Dr. Abúndio ter-no-la-hia lançado em rosto (como tem feito com as suas falsidades), e nós, muito contentes de prestar homenagem à verdade—que não por medo de quichotescas ameaças—, acudíríamos promptos a explicar-nos ou a desmentir-nos.

O nosso artigo teve o condão de levar o sr. Dr. Abúndio a dizer que nos deixa em paz.

Quasi podemos dizer outro tanto ao *Correio do Norte*. O nosso intuito de o desmascarar ou está realizado ou tem a sua realização fora do nosso alcance.

Quando escrevemos o primeiro artigo a respeito delle, quasi todos os nossos leitores recebiam dois ou tres exemplares de cada número (quem estas linhas escreve, um dia recebeu quatro): agora, rara é a pessoa a quem a timosia do *Correio do Norte* ainda obriga a repetir as devoluções.

E não queremos dizer que fossem os nossos escriptos quem produziu esse effeito: o bom juizo dos leitores conheceu bem a natureza

e os intuitos duma publicação que se diz catholica, mas cujas doutrinas sam perfilhadas e largamente transcriptas pela imprensa avançada, e cujo catholicismo agrada e merece os elogios do sr. Alpoim. Este grande catholico ainda ha uns tres ou quatro dias canonizava, com elogio, «os mais ardentes jornaes catholicos, taes como o *Correio do Norte* (em primeiro logar!) Bem Publico, Amigo da Religião...»

«Un bigot orgueilleux, qui, dans sa vanité,
«Croit duper jusqu'à Dieu par son zèle affecté
«Covrant tous ses défauts d'une sainte apparence,
«Danne tous les humains de sa pleine puissance.»

Boileau.

Minúcias

XXVIII

As vespas

Estamos no tempo das vespas. Não faltarão leitores que tenham recebido aggravos dos impertinentes insectos, e achem gosto em lêr algumas linhas contra as doiradas malfeitoras.

As picaduras das vespas podem ser muito perigosas, se se receberem em grande número; e ainda quando sam em pequeno número, sam fortemente dolorosas.

Aqui damos uma receita de tratamento, que, empregado promptamente, as cura com efficacia. Se o agulhão da vespa fica na ferida, é imprudente pretender arrancá-lo com os dedos, ou com algum instrumento que opere de modo semelhante. Assim, espreme-se o veneno, que em maior quantidade se injectará nos tessidos.

O único meio efficaz é tomar umas tesouras, cortar delicadamente a parte do agulhão que excede o nivel da pelle, e extrahir em seguida com precaução a ponta do dardo.

Depois desta lejeira operação, para cuja pratica não é preciso ter frequentado escolas de cirurgia, basta chegar um pouco de vinagre ou agua de Colónia à pequena ferida; e, se as feridas sam mais numerosas, dar um banho geral à região molestada e cobri-la com compressas de vinagre.

Para as picaduras da bocca ou da garganta (que se dam principalmente quando a vespa vai na bebida), devem empregar-se loções e gargarejos de agua salgada e avinagrada.

Mas é necessario proceder com muita promptidão, porque aqui o perigo é maior; e a morte por asphyxia pode vir a ser o resultado da mais pequena demora em applicar ao padecente os cuidados de que elle precisa.

Mas o melhor é não esperar que as vespas nos mordam; é destruir os vespeiros.

Para isto pode empregar-se o método seguinte.

Toma-se um frasco de bocca larga, e lançam-se dentro alguns pedaços de sulfureto de ferro com um pouco de agua.

Fecha-se a bocca do frasco com uma rolha. Esta é atravessada por um pequeno tubo de vidro, a cuja extremidade exterior se adapta um tubo de cauchu de 50 centímetros approximadamente.

A' noite, depois de recolhidas as vespas, deita-se no frasco um pouco de ácido chlorhydrico, arroha-se e introduz-se a extremidade do tubo no orificio que conduz ao vespeiro; e tapa-se o orificio com um pouco de barro ou coisa semelhante. O hydrogênio sulfurado que se produz no frasco é conduzido pelo tubo até ao vespeiro, accumula-se nelle, e mata as vespas, sem perigo para o assassino.

E' claro que estas minúcias com que descrevemos a operação podem ser alteradas sem prejuizo do resultado, uma vez que se observe o essencial, isto é, a produção do hydrogênio sulfurado e a

sua introdução na toca das vespas.

E' preciso todavia usar de cautela com o hydrogênio sulfurado. Este gás, tambem chamado ácido sulphydrico, ácido hydrosulfúrico e sulfureto de hydrogênio, é um veneno violento: misturado com o ar na proporção de 1 para 200 basta para matar um cavallo.

«A raiz das sciências é amarga,
mas o seu fructo é doce.»

Curiosidades

Homem gordo.—Um periódico inglês, o *Weekly Dispatch*, organizou ha pouco um concurso de homens gordos.

Appareceu uma centena delles, todos gigantescos, colossaes, cujo leviathan foi o sr. G. Loyat, que pesa 214 chil. 200! Foi este quem ganhou o premio. Mas a sua alegria e orgulho não eram sem mescla de amargura. Teve a sinceridade de revelar a um escriptor que lá se achava o defeito da sua espessa couçara.

«Eu não posso» disse elle «viajar em omnibus. Não entro nunca numa sege com receio de passar através do fundo do vehiculo. Se quero visitar uma exposição qualquer, é preciso gastar uma boa meia hora a armar uns andaimes que me permittam passar por cima do molinete. No theatro tenho de pagar dois logares, porque preciso de duas cadeiras sobre as quaes se dispõi uma almofada. Mas tudo isto é nada comparado com o supplicio que tenho de supportar quando visito um amigo que tem familia. A sua mulher põi-se de tal modo nervosa, quando eu procuro assentar-me em alguma parte, que o seu estado, encommoda-me. Depois as creanças, após tres ou quatro voltas em roda da minha cadeira, começam a assaltar-me com perguntas sobre a minha extraordinaria gordura. E que tristeza não ter visto os meus pés ha trinta annos!»

Este, pelo visto, não pode metter-se em revoluções: a sua fuga para Salamanca havia de ter seus embarços.

«Nem todos os homens podem ser grandes, mas todos podem ser bons.»

Confúcio.

Anedotas históricas

CCVI

«*Labor omnia vincit.*» — Santo Isidoro, de Sevilha, sendo creança, frequentava a escola dirigida por seu irmão S. Leandro, bispo daquella cidade. Achando difficuldade em aprender e receando a severidade de seu irmão, fugiu, e, tendo vagueado durante algum tempo, parou à beira dum poço. Notando que a pedra do bocal do poço estava cavada, procurava achar a razão disso, quando uma mulher, vindo buscar agua, lhe explicou que as gottas do liquido, à força de cair no mesmo logar da pedra, a tinham gastado. A creança, reflectindo, disse consigo: «Se eu trabalhar constantemente, tambem poderei gravar a sciencia no meu espirito.» E voltou para a escola; e veiu a ser um grande philótopho, um profundo theólogo e um doutor da Igreja.

«A religião é a cadeira de ouro que suspende a terra do throno do Eterno.»

Homero.

GUALTERIANAS

Eis o programma, que será rigorosamente cumprido, das brilhantes Festas da Cidade que tem lugar nos dias 6, 7 e 8 de agosto proximo:

FEIRA DE S. GUALTER

Abrem no dia 1 de agosto as *barracas* no Campo da Feira, com os seus bazares, cinematographos, theatrinhos, botequins, etc., etc., tornando-se aquelle espaçoso campo, hoje lindamente ajardinado, o passeio predilecto de todos os vimaranenses, que ainda gostam de ouvir a *Traviata* estropiada por velhos realejos e a voz roufenha dos leiloeiros ou dos palhaços que se esfalfam a chamar povo para vêr a *mulher electrica*, os *animaes ferozes* ou as vistas da *ultima exposição de Paris*.

No dia 6

Realiza-se no Campo da Feira a importantissima *feira de gado bovino*, com os seguintes

Premios:

- 1.º—Ao expositor da melhor junta de bois de engorda 20\$000
- 2.º—Ao expositor da melhor e mais bella junta de bois de trabalho 15\$000
- 3.º—Ao expositor da melhor junta de touros a dois dentes 10\$000
- 4.º—Ao expositor da melhor e mais perfeita junta de vacas de trabalho 10\$000

Além destes premios serão concedidas menções honrosas aos expositores que esta distincção mereçam, segundo o parecer do

Jury

que é composto dos seguintes snrs.:

- Presidente—José Pinto de Sousa Castro.
Vogaes—Domingos Ribeiro Martins da Costa, Joaquim de Sousa Pinto e João Gonçalves.
Vogal tecnico—Guilhermino Rodrigues.

No dia 7

Realiza-se a *feira de gado cavallar*, a que concorre a Comissão de Remonta do Exercito, conferindo-se os seguintes

Premios:

- 1.º—Ao expositor do melhor e mais perfeito cavallo, de sella, com a altura de 1^m,47 ao hypometro, da idade de 4 a 7 annos, inclusivé 40\$000
- 2.º—Ao expositor do melhor e mais perfeito cavallo, de sella, de 1^m,40 a 1^m,47 de altura ao hypometro, da idade de 4 a 7 annos, inclusivé 25\$000
- 3.º—Ao expositor do melhor e mais perfeito poldro ou poldra até 4 annos inclusivé 15\$000

Todos os concorrentes deverão inscrever os seus nomes até ao dia 6, ás 12 horas da manhã, em casa do 2.º secretario da Associação Commercial, Largo do Tournal, n.º 131 e 132, casa commercial dos snrs. Duarte, Areias & C.ª.

Não serão premiados os animaes que já o tenham sido em concursos anteriores, sendo distinguidos com menção muito honrosa quando lhes caiba a primeira classificação. Nestas circumstancias, o premio será concedido ao animal immediatamente inferior na classificação.

Estas observações dizem respeito tambem ao gado bovino.

Os animaes inscriptos darão entrada no recinto da exposição do gado cavallar ás 10 horas da manhã de domingo, reunindo o

Jury

para a classificação do gado cavallar, ás 11 horas, composto dos seguintes snrs.:

- Presidente—Visconde de Paço de Nespereira (Gaspar).
Vogaes—Antonio de Carvalho Cyrne, Francisco de Assis Costa Guimarães e Antonio Vaz de Napoles.
Vogal tecnico: Guilhermino Rodrigues.

Exposição Agrícola de Guimarães e Mercado Especial das Industrias Vimaraneses

Se não é o numero mais bello das festas gualterianas, é, certamente, o mais util e mais pratico.

Em dois elegantes pavilhões, construidos na Praça D. Affonso Henriques, serão solememente inaugurados o Mercado Especial das Industrias Vimaraneses e a Exposição Agrícola de Guimarães, no sabbado, 6 de agosto, ao meio dia, com assistencia das auctoridades, representantes das diversas associações, imprensa periodica, etc.

Deve ser um certamen muito honroso para Guimarães, pois a Exposição Agrícola ha de ser importantissima e o Mostruario patenteará aos que nos visitam o que ha de melhor nas industrias vimaranenses.

A Praça D. Affonso Henriques será illuminada com centenaes de lampadas electricas, generosamente cedidas pelo snr. Bernardino Jordão.

O recinto está vedado, pagando cada pessoa 100 reis de entrada depois de aberta a exposição.

No recinto da Exposição, que se conservará aberto al-

gumas semanas além da Festa da Cidade, haverá musica durante os 3 dias das gualterianas, seguindo-se outros festivaes que serão devidamente annunciados.

A Comissão organizadora da Exposição Agrícola é composta dos seguintes snrs.:

- Dr. Abel Gonçalves, Antonio de Carvalho, Dr. Antonio de Freitas Ribeiro, Antonio Madureira, Capitão Duarte Amaral, Francisco de Mattos Fragozo Junior (regente agricola), Francisco Antonio de Faria, João Cardoso Martins de Menezes, Capitão Luiz de Pina, Manoel Gaspar Coelho da Motta Prego (agronomo), e Presidente da Associação Commercial.

A FESTA DA CIDADE

O seu reclamo está feito.

Todos os que têm assistido ás brilhantissimas festas que Guimarães vem realizando desde 1906 são concordes em afirmar que não se realiza actualmente no paiz nada que se lhes possa comparar.

As illuminações, executadas pelo distincto decorador, snr. Emiliano Abreu, sob a direcção dos talentosos professores e illustres artistas vimaranenses, snrs. Abel Cardozo e José de Pina, o fogo de artificio, de que estão encarregados os mais afamados pyrotechnicos do paiz, a *Marcha Milaneza*, realizada pelos empregados de commercio, o concerto pela Tuna dos Empregados de Commercio do Porto, o concerto pelas bandas regimentaes da Guarda Municipal do Porto, do 18 e do 20 de Infantaria, reunidas, a batalha das flores, o exercicio dos Bombeiros Voluntarios, a extraordinaria tourada, 11 bandas de musica que foram contractadas para se fazerem ouvir nos 3 dias da *Festa*, tudo isto faz com que as *Gualterianas* occupem um lugar de destaque entre as festas que modernamente se realizam em Portugal.

Ao alvorecer deste primeiro dia da Festa da Cidade Guimarães ostentará as suas melhores galas em que predominam as flores nos adornos dos largos e ruas em que é costume realizarem-se as gualterianas e que são: Tournal, Praça D. Affonso Henriques, rua de S. Damaso, Campo da Feira, Senhora da Guia e rua da Rainha.

Sabbado, 6 de agosto

A alvorada é feita no velho estylo — fogo e musicas, executando o Hymno da Cidade.

A noite, arraial no Campo da Feira com brilhantissimas illuminações, fogo de artificio e 3 bandas de musica.

Domingo, 7 de agosto

É este o dia principal da *Festa da Cidade*.

Neste dia haverá:

Alvorada, pela charanga de Cavallaria 6 e pelas bandas de musica, etc.

Exercicio de Bombeiros Voluntarios na Praça D. Affonso Henriques, ás 10 horas da manhã, onde os nossos visitantes podem admirar a organização inexcédível em material, em disciplina, em arrojo, da Companhia dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães, que é uma das melhores do paiz e certamente a mais bem organizada de terras de provincia.

Recepção, ás 9 1/2 horas, da Tuna dos Empregados de Commercio do Porto, promovida pela Associação dos Empregados de Commercio de Guimarães, a pedido da Associação Commercial.

Tourada ás 4 1/4 horas da tarde, na Praça da Feijoeira, em que cooperam as mais distinctas figuras da tauromachia portugueza.

Festival nocturno—indescritivel pela sua belleza e pela sua grandiosidade.

Marcha Milaneza ás 8 1/2 horas da noite, sahindo da rua de Payo Galvão e seguindo o seguinte itinerario: Rua de Payo Galvão, Tournal (sul), Praça D. Affonso Henriques, ruas de S. Damaso, Senhora da Guia e da Rainha, Tournal (norte e circuito), rua de Santo Antonio e rua de Gil Vicente.

A *Marcha Milaneza*, promovida graciosamente pela sympathica Associação de Classe dos Empregados de Commercio de Guimarães, em que tomam parte alguns carros allegoricos, deve este anno exceder em belleza e brilhantismo as que se têm realizado nos annos anteriores, attentos os elementos que se congregaram para levar a effeito este numero que é, incontestavelmente, um dos mais bellos e originaes da *Festa da Cidade*.

Festival no recinto da Exposição, onde tocam, alternadamente, as bandas regimentaes de Infantaria 18 do Principe Real e Infantaria 20 do Infante D. Manoel.

Illuminações geraes no Tournal, Praça D. Affonso Henriques, rua de S. Damaso, Campo da Feira, rua da Senhora da Guia e rua da Rainha.

Festival no jardim: Concerto pela Tuna da União dos Empregados de Commercio do Porto, composta de 70 executantes, sob a habil regencia do seu *maestro* snr. Francisco Pinto de Queiroz, ás 8 horas da noite, que executará o seguinte

PROGRAMMA

- | | |
|---|------------|
| I Hymno da Cidade | VASCO LEÃO |
| II Viuva alegre (Seleção da opereta) | LEHAR |
| III Cantares do meu paiz (2.ª rapsodia) | F. QUEIROZ |
| IV Rigoletto (Fantasia da opera) | VERDI |
| V Alma de Diós (Canção hungara) | SERRANO |
| VI El duo de la Africana (Zarzuella) | CABALLERO |
| VII Tosca (Seleção) | PUGGINI |
| VIII Coisas da minha terra (1.ª rapsodia) | F. QUEIROZ |
| IX De Soengas a Caniçada (Marcha final) | F. QUEIROZ |
- Intervallo de meia hora á passagem da Marcha Milaneza

Musicas em todas as ruas e largos, onde ha illuminações.

Fogo de artificio, de que estão encarregados os afamados pyrotechnicos Antonio José Rodrigues, do Porto e Manoel Baptista Teixeira, de Moreira de Rei.

Segunda-feira, 8 de agosto

No Campo da Feira, ás 8 1/2 horas da manhã, *corridas* com os seguintes premios:

- 1 de 5000 reis ao melhor fugidor a passo travado;
- 1 de 2500 reis ao que chegar em segundo lugar.

Distribuição de premios, em seguida, aos expositores dos exemplares de gado bovino e cavallar, classificados nas feiras de sabbado e domingo.

Banda da Guarda Municipal do Porto—Chega ás 11 horas da manhã á estação de Villa Flor, sendo-lhe feitos os cumprimentos pela Direcção da Associação Commercial e comissões adjuntas, seguindo pela Avenida do Commercio para o quartel de Infantaria 20, onde se alojará.

Distribuição de premios, na Exposição Agrícola, á 1 hora da tarde.

Batalha de flores—Deve ser, pelo entusiasmo que se nota, um dos mais bellos numeros da *Festa da Cidade*.

Realiza-se na rua de Santo Antonio.

A comissão organizadora é uma garantia segura do exito desta *batalha* de paz e de confraternisação, pois é composta dos seguintes cavalheiros, todos elles pertencentes á *élite* vimaranense:

Visconde de Paço de Nespereira (Gaspar), presidente, Dr. Abel Gonçalves, Capitão Alcino Machado, Alvaro Costa, Antonio Leite Castro, Domingos Freiria, Francisco Costa, Dr. João Rocha dos Santos, Joaquim Menezes, Jeronymo Sampaio, Alferes José de Faria, José Figueiras de Sousa, Dr. Pedro Guimarães, Domingos Martins Fernandes, 1.º secretario da Associação Commercial, e Augusto Pinto Areias, 2.º idem.

Festival no jardim—É a chave de ouro com que fecham as gualterianas.

O nosso jardim do Tournal, bellamente illuminado, torna-se naquella noite a *sala de visitas* em que se reúne a boa sociedade vimaranense e os nossos illustres visitantes.

As bandas de Infantaria 18 e Infantaria 20 reunidas, e a banda da Guarda Municipal do Porto, executarão, ás 8 1/2 horas, o seguinte programma:

1.ª Parte

(do 18 e 20 reunidas)

- | | |
|--|------------|
| I Guarany (Simphonia da opera) | C. GOMES |
| II Gioconda (Seleção da opera) | PONCHIELLI |
| III Tannhauser (Seleção da opera) | WAGNER |
| IV Viagem do Gama (Óde Simphonica) | MORAES |

Intervallo de 20 minutos

2.ª Parte

(Guarda Municipal do Porto)

- | | |
|--|-------------|
| I Marche aux Flambeaux n.º 1 | MEYERBEER |
| II Valse Interrompue (Légende) | L. MONTAGNE |
| III Festa di Nozze (Fantasia in 3 témpi) | MANENTE |
| IV Pagliacci (Selection) | LEONCAVALLO |

Intervallo de 10 minutos

3.ª Parte

(As 3 bandas reunidas)

- | | |
|--------------------------------|------------|
| I Marcha Gualteriana | J. NEUPART |
| II Hymno Nacional | |

Durante o festival no jardim haverá um esplendido fogo de artificio, de que estão encarregados os afamados pyrotechnicos Joaquim José Devezas, do Porto, e Alberto Gomes da Costa & Filhos, da Ponte da Barca.

O adorno das casas

A Direcção da Associação Commercial espera do patriotismo dos vimaranenses que, na forma dos annos anteriores, mandem adornar as suas casas, contribuindo assim para o maximo esplendor da *Festa da Cidade*.

A comissão encarregada de pedir este obsequio aos habitantes de Guimarães é composta dos seguintes cavalheiros:

Alberto Cesar, Aureliano Fernandes, Antonio Lopes de Carvalho, Camillo Laranjeiro dos Reis, João Fernandes de Mello, João Rodrigues Loureiro, José de Freitas Costa Soares, Domingos Pereira Mendes e José Caetano Pereira.

Guia do visitante

Encontram-se patentes ao publico durante os 3 dias das *Gualterianas*:

Castello ou alaccer do Conde D. Henrique. O unico monumento historico de primeira classe em toda a provincia do Minho com mais de 8 seculos.

Thesouro da Insigne e Real Collegiada de N. S. da Oliveira. Notavel pelo seu valor historico.

Museu archeologico na Sociedade Martins Sarmiento.

Ordem Terceira de S. Francisco com exposição das suas ricas alfaias.

Séde da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios e seu material, etc., etc.

Campo da Feira, com as suas ricas alfaias.

Exposição de quadros e desenhos de valor

existentes na cidade e concelho de Guimarães, no edificio da Sociedade Martins Sarmiento, organizada pelo illustre artista vimaranense, snr. Abel Cardozo e dr. Eduardo d'Almeida.

Visita das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Comboios extraordinarios a preços reduzidos.



OFFICINA DE ENCADERNACÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

—DE—

Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 collecções de typos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

Bibliotheca religiosa

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranesense — Rua de Payo Galvão — Guimarães.

Recordação dos meus estudos

Pelo auctor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

1.^a série—Um vol. de 46 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "
2.^a série—Um vol. de 50 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Os beneficios da confissão

Por F. J. d'Ezerville, accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 60 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "
Franco de porte.

Officio da Immaculada Conceição

Texto portugues, com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 páginas, em bom papel:
Preço 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

As Bem-aventuranças evangelicas

Postas ao alcance de todos

Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Traducção do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "
Franco de porte.

Conselhos sobre a educação

Segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 112 páginas em 8.^o:
Em brochura 100 reis
Cartonado 160 "
Franco de porte.

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ideis á missa?

Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lyceu de Guimarães. 2.^a edição auctorizada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primás.

32 paginas, em 8.^o
Preço avulso **30 rs.** franco de porte.
Para propaganda, por cada 10 exemplares, remetidos pelocorreio, 225 reis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusive, para cima, faz-se o preço de 20 reis cada um, franco de porte.

OUTRAS OBRAS DIVERSAS

Vida de S. Luis Gonzaga

Modelo e protector da mocidade catholica

Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:
Preço 80 reis
Pelo correio 35 "

Burgueses e operarios

Dialogo entre um socialista e um homem de bem

(Versão do francês)

Um volume de 118 páginas em formato elegante:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

Nem de mais nem de menos

Romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um vol. de 108 páginas, em 8.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Ízabel

Por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um volume de 156 páginas, em 16.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 reis

A Dictadura

Por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 páginas, formato elegante:
Preço 250 reis
Pelo correio 270 "

O almocreve das petas

Por Spiritus Asper.
1.^o vol., com 128 páginas, em 8.^o:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Bilhetes postaes illustrados

Colloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

Bilhetes postaes de propaganda religiosa

Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 reis.
Em series de 20 ou mais exemplares, sortidos, faz-se a remessa franco de porte.

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luis da Silva Dantas e acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não será attendidas.

HIGH-LIFE — ATELIER DA MODA

93, Rua da Rainha, 97 — GUIMARÃES

Estação de verão. Chapéus para senhoras e creanças, segundo os ultimos figurinos de Paris. Exposição permanente. Variadissimo sortido Colletes de espartilho do Atelier portuense "A PRINCEZA,,

PREÇOS MODICOS.

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHÓLICO

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno	1\$300 rs.	Anuncios e communicados, linha ...	40 rs.
Semestre	650 "	Repetição, por linha	20 "
Trimestre	350 "	Reclamos, até 5 linhas	100 "
Numero avulso	30 "		

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luis da Silva Dantas, director e administrador de *A Restauração*.

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, capellão de Montmartre.

Traducção de R. F.

Introducção do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administracção do *Novo Mensageiro*, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 páginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

A RESTAURAÇÃO

6.^o anno

SEMANARIO CATHÓLICO

N.º 299

Ex.^{mo} Snr.